



**Data:** 13.06.2020

**Título:** Racismo

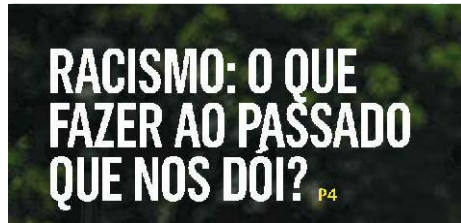
**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Semanal

**Secção:** Destaque

**Pág:** 1;4;5



Área: 1785cm² / 45%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6868327



Data: 13.06.2020

Título: Racismo

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal



Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

## EM DESTAQUE

**Memória** Filmes, estátuas e símbolos históricos estão a ser questionados, nalguns casos recusados e vandalizados, por contarem o passado sob um olhar colonialista, racista ou violento. “São retratos de época”, que “precisam de ser contextualizados”. Portugal, como outros países, começa a ver-se ao espelho

# Racismo O que fazer ao passado que nos dói?

Texto **JOÃO DIOGO CORREIA**  
Foto **NUNO FOX**

A morte de George Floyd às mãos de um polícia norte-americano levou inicialmente a discussão sobre racismo para as ruas, com manifestações em cidades de todo o mundo, depois para o sofá da sala, com a interrupção de filmes e séries criados sob um olhar colonialista, e agora para os livros de História, com o questionamento das

figuras que os países homenagearam em estátuas e monumentos.

“Os heróis estão sempre a ser re-pensados, não é de agora”, lembra Isabel Castro Henriques, investigadora doutorada em História de África. “Eles falam por esse momento da História. Faz parte da tarefa do historiador desmontar certo tipo de olhar.” Para Castro Henriques, essas personalidades que marcaram um determinado tempo “não se destroem”, mas exigem que se olhe para elas com “espírito crítico”. Por isso, não percebe o derrube de monumentos de homenagem a figuras como Cristóvão Colombo, como não perceberia se acontecesse com o Par-

thenon. “A escravatura era a base do sistema social da Grécia Antiga.” Os monumentos da acrópole foram erigidos com esse suor e sangue. “Não vamos agora destruí-los. Ou vamos?”

Há um efeito catadupa a acontecer. Nos Estados Unidos, as estátuas de Cristóvão Colombo nos estados de Virgínia e Minnesota e na cidade de Boston foram atiradas ao lago, ao chão ou decepadas, respetivamente. Seguiram-se a do Rei Leopoldo II, na Bélgica, a da Rainha Vitória, no Reino Unido, e a de outras figuras mais ou menos ligadas ao colonialismo, ao tráfico negreiro e a posições marcadamente racistas.

Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes dos EUA, deu voz institucional à reivindicação ao pedir a retirada das 11 estátuas de confederados (dos estados do Sul que lutaram pela manutenção da escravatura) que ocupam o Capitólio, em Washington. Em Portugal, foi grafitada esta quinta-feira a estátua do padre António Vieira, em Lisboa, com a palavra “descolonização”.

Ana Lúcia Araújo, também historiadora, professora na Universidade de Howard, em Washington, e estudiosa dos símbolos da supremacia branca, explica que a situação é complexa e diverge entre países e figuras, porque as “estátuas são colocadas no espaço

**ESPECIALISTAS  
CONCORDAM QUE  
É PRECISO UMA VISÃO  
CRÍTICA DA HISTÓRIA.  
E QUE O SILÊNCIO  
É UM ERRO**

público num determinado período para responder aos interesses políticos bem específicos de certos grupos, muitas vezes sem nenhuma consulta às comunidades que vivem no lugar”. Para a historiadora, é difícil explicar que em 2017 Lisboa tenha inaugurado uma estátua de uma “figura his-

Área: 1785cm² / 45%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6668327



Data: 13.06.2020

Título: Racismo

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

**QuickCom**  
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

tórica cujos contornos controversos têm sido salientados há décadas”. Na inauguração de há três anos, o presidente da Câmara, Fernando Medina, considerou o padre António Vieira “uma das maiores personalidades do pensamento” português, até ali sem “a devida expressão de reconhecimento” na cidade. Araújo volta às perguntas. “Como explicar que se apresente um padre jesuíta cujos sermões diziam aos escravizados para se conformarem com a situação pois iriam para o céu?”, questiona.

Os casos são complexos porque há sempre feridas abertas. Nos Estados Unidos a de uma Guerra Civil sangrenta e por sarar. Da Universidade de Howard, onde Ana Lúcia Araújo dá aulas, quase se pode sentir o edifício do Capitólio, centro do poder do Governo norte-americano. E a professora entende a vontade de lhe transformar a paisagem. “Que país do mundo cria centenas de monumentos para homenagear os traidores da nação, que levaram milhares de soldados a perder a vida para lutar pela manutenção da escravatura?” As figuras marcantes de outro tempo, “com centenas de pontos de sombra”, devem ser objeto de estudo, de documentários, de obras de ficção, frisa a investigadora. Mas o que estes movimentos de derrube de estátuas hoje dizem é que “não é mais aceitável que um grupo limitado de pessoas coloque em pé monumentos de indivíduos que defenderam atrocidades e os apresente como heróis.”

### Quem escolhe o que vamos ver?

A sensação de catadupa é igual à que está a acontecer com filmes e séries aclamados que oferecem olhares colonialistas sobre a história. “E Tudo o Vento Levou” é um desses filmes que cabe há muito na categoria de obra-prima do cinema, o que não impediu a HBO Max (serviço de plataforma exclusivo para os EUA) de o retirar do catálogo, mostrando-se sensível aos argumentos dados por John Ridley, guionista de películas como “12 Anos Escravo”.

Numa crónica no “Los Angeles Times”, Ridley escreveu segunda-feira que ‘E Tudo o Vento Levou’ roman-



Área: 1785cm² / 45%

Tiragem: 123.400

FOTO

4 Cores

ID: 6668327



Data: 13.06.2020

Titulo: Racismo

Pub: **Expresso**

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

Área: 1785cm² / 45%

Corres: 4 Cores Tiragem: 123.400

FOTO ID: 6668327



FOTO: DYLAN MARTINEZ/REUTERS

A estátua do padre António Vieira, em Lisboa, foi vandalizada quinta-feira (ao lado). Em cima, manifestantes picharam a frase "Era um racista" na estátua de Churchill, em Londres. A estátua do rei Leopoldo II em Bruxelas também não escapou (em baixo)



FOTO: YVES HERMAN/REUTERS



Data: 13.06.2020

Título: Racismo

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

**QuickCom**  
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

tiza a Confederação e o movimento secessionista, que lutou pela manutenção da escravatura. “É um filme que, quando não está a esconder os horrores da escravatura, está a perpetuar alguns dos mais dolorosos estereótipos associados aos negros”, criticou o argumentista, pedindo que fosse retirado do catálogo da HBO.

Lançado em 1939, o filme não pode “ser entendido apenas como um objeto de sétima arte, mas também como documento histórico”, frisa Isabel Castro Henriques. “Como toda e qualquer produção, é marcada pelas linguagens e códigos da época”, diz. A historiadora lembra as aulas na Faculdade de Letras de Lisboa em que dava a ver aos alunos “filmes marcadamente colonialistas, e era interessante ver como os filmes se podem desmontar. É um trabalho muito útil.”

Entre as várias figuras ouvidas pelo Expresso, da História, do cinema, do ativismo negro, há alguns consensos sobre estes temas: o de que nem sempre há respostas simples, o de que cada caso é um caso, o de que a contextualização é “fundamental” e o de que a censura ou o silêncio não são admissíveis. Apesar de num primeiro momento a HBO Max ter apenas retirado o filme, avançou depois que a suspensão é temporária, até que seja feita uma “contextualização histórica”, em linha com o que havia pedido Ridley.

“Tem de ser criada uma contranarrativa, que permita resgatar o sujeito negro, dar uma nova construção a estas histórias”, assevera Mamadou Ba, dirigente da SOS Racismo. Uma das vozes mais ativas da causa em Portugal, Ba não gostou do filme precisamente por “tirar capacidade de agenciamento político” aos negros.

Se a arte deve também mostrar a dor, “E Tudo o Vento Levou em nada nos confronta com o mal”, porque “ignora a dor”, acrescenta a historiadora Ana Lúcia Araújo. “Apresenta uma situação de extremo sofrimento como tendo sido vivida com alegria pelos escravizados.” A dor que mais se vê é a “da senhora de escravos, que perdeu tudo por causa da Guerra Civil”, ao passo que “a Mammy [negra que vive na casa dos senhores] não tem sequer um nome. É simplesmente a Mammy (...), carrega todos os

estereótipos da escrava leal, que não se revolta, que não pensa em fugir, mesmo quando a guerra que libertou os escravos bateu à porta”. Porém, a pesquisa histórica mostra que, no declínio da escravatura, “os escravizados, mesmo nos ambientes domésticos, preparavam a emancipação, em alguns casos até fugindo”, contrapõe a historiadora.

## “E TUDO O VENTO LEVOU” “ROMANTIZA OS HORRORES DA ESCRAVATURA”, APONTAM OS CRÍTICOS. HBO RETIROU O FILME

“Os tempos mudaram”

“E Tudo o Vento Levou” não é caso virgem e teve sequelas na última semana. A série “Cops”, ao fim de 32 temporadas emitidas ao longo de mais de 30 anos, não vai ter 33ª, anunciou a cadeia Paramount. “Little Britain” saiu do serviço de *streaming* da BBC porque “os tempos mudaram” e “existe muita programação histórica” que é analisada “regularmente” pelo canal.

Pedro Boucherie Mendes, diretor de Planeamento Estratégico da SIC, lembra que muitas destas escolhas são “económicas” e adiciona uma camada à discussão, ao recordar a minissérie “Roots”, emitida pela ABC em 1977, com base num livro homónimo, que, acompanhando gerações de uma família afrodescendente, “serviu para muitos negros norte-americanos tomarem consciência das suas origens”.

Tal como a discussão atual sobre “E Tudo o Vento Levou” serviu para lembrar que a intérprete de Mammy, a atriz Hattie McDaniel, não pôde ir à estreia do filme que lhe valeria um Óscar (o primeiro para um afrodescendente) porque em Atlanta era proibida a presença de negros em determinados espaços públicos. Na cerimónia de entrega do Óscar, McDaniel teve de sentar-se na fila

de trás. Para Boucherie Mendes, as obras de ficção e as pequenas histórias por trás delas têm um lado de “consciencialização” que “é mais importante para a discussão do que parece”.

Como num catálogo de filmes, erigir uma estátua é fazer uma escolha. E se, como diz Mamadou Ba, “toda a estética é política”, também as escolhas são políticas. Em qualquer caso, Isabel Castro Henriques acentua a importância de olhar para o erro. Portugal, como outros países colonialistas, deixou a discussão sobre o passado sempre “em lume brando”. O lume agora subiu e nada faz prever que perda gás. “Vai demorar”, mas Portugal vai ter que se olhar ao espelho. “E perceber a importância social e política do erro. Quando temos uma verdade, deixamos andar. Quando vemos um erro, pensamos sobre ele.”

[jdcorreia@expresso.imprensa.pt](mailto:jdcorreia@expresso.imprensa.pt)

## Suspeita Investigado *tweet* que incentiva à destruição de estátua

**Conta pertence a um ativista de extrema-esquerda. PSP analisa imagens de CCTV junto à estátua para apanhar vândalos**

Esta quarta-feira, no Dia de Portugal, e quando se começavam a conhecer os primeiros ataques a estátuas em vários pontos do mundo durante os protestos antirracismo, um *tweet* incendiava as redes sociais: “Vamos falar de estátuas que deveriam ser destruídas. Em Lisboa há pelo menos uma, a estátua do padre António Vieira, com crianças indígenas ao redor. É uma



Data: 13.06.2020

Título: Racismo

Pub:

Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal

QuickCom  
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

ode ao colonialismo em frente a uma igreja jesuíta abarrotada de ouro vindo do Brasil. A igreja, a estátua, tudo é ruim.”

No dia seguinte, a estátua foi vandalizada. Alguém escreveu “descolonização” em letras garrafais na base, pintou corações vermelhos sobre o peito das duas crianças indígenas e o rosto do padre António Vieira foi coberto com a mesma tinta.

Na noite de quinta-feira, quando as notícias do ataque eram divulgadas na comunicação social, o autor do polémico *tweet* — que já tinha colecionado dezenas de comentários a favor e contra a destruição da estátua — mudou as definições da conta no Twitter para que as suas publicações deixassem de ser visíveis. Mas o Expresso encontrou o *nickname* e a fotografia de perfil numa outra conta, desta vez no Facebook. Trata-se de um jovem que se intitula ativista antifascista e que tem escrito *posts* sobre o “crescente perigo de grupos fascistas e racistas” sobretudo no Brasil, país de onde é originário. Atualmente vive em Lisboa.

O Expresso sabe que as autoridades detêm a informação sobre o *tweet* em que apelava à destruição da estátua do padre António Vieira, mas a investigação ao caso encontra-se em segredo de Justiça. As primeiras suspeitas são apontadas a militantes de extrema-esquerda, que poderão ter seguido uma linha de ação semelhante à de ‘colegas’ estrangeiros. Mas faltam provas, para já. Perto do local onde se encontra a estátua existem câmaras de videovigilância, cujas imagens estão a ser analisadas pelo comando de Lisboa da PSP. Podem vir a mostrar-se fundamentais para descobrir a autoria do ato de vandalismo.

Os juristas dividem-se sobre se a frase publicada no Twitter pode ser considerada um apelo à violência. Para o advogado Lopes Guerreiro “pode configurar, ainda que de forma latente, uma situação de incitamento ao ódio e à violência relativamente não só aos jesuítas como, no geral,

à Igreja Católica. Caso que, a provar-se, poderá ser censurado com pena de prisão até cinco anos”. Uma opinião partilhada pelo advogado Aníbal Pinto: “Esta frase pode ser enquadrada como incentivo à violência contra o património histórico. É

instigação pública a um crime.” Já o advogado Carlos Melo Alves não vislumbra naquele *tweet* qualquer tipo de ilícito criminal.

HUGO FRANCO  
e JOÃO MIGUEL SALVADOR  
hfranco@expresso.impresa.pt

## Jesuítas reagem “Transformar Vieira num racista é um favor aos extremismos”

**É a segunda vez desde que foi inaugurada que a estátua foi vandalizada. O regresso deste “ato de vandalismo” é preocupante para uma das mais antigas Ordens religiosas**

“O padre António Vieira não precisa que o defendamos”, diz o responsável pela comunicação dos Jesuítas a propósito da vandalização da estátua do missionário, feita na noite de quinta-feira, em Lisboa. Mas a Ordem está preocupada com o crescendo das manifestações de ódio. “Transformar António Vieira num extremista é um favor que fazemos aos extremistas que não deixarão de aproveitar a oportunidade para tentar legitimar o que não queremos que seja legitimado”, diz ao Expresso o padre José Maria de Brito.

É a segunda vez que, desde que foi inaugurada — em junho de 2018, por iniciativa da Santa Casa e da Câmara de Lisboa —, a escultura é alvo de um ataque. Na altura, o ato de vandalismo motivou um contra-ataque por parte de grupos nacionalistas, que levaram os Jesuítas a marcar uma posição, na linha daquela agora adotada. “Vieira não pode ser condenado por grupos que querem apagar a nossa História, mas seria um erro deixar que Vieira fosse apropriado por grupos nacionalistas e de extrema-direita, incapazes de uma perspetiva crítica sobre a identidade portuguesa”, escreveu,

então, o padre Nuno Nobre, responsável dos Jesuítas portugueses.

O regresso deste “ato de vandalismo” é preocupante para uma das mais antigas Ordens religiosas por ser “sinal de uma polarização simplificadora da realidade” que “impede uma leitura crítica do presente”, diz José Maria de Brito.

Para os Jesuítas a obra de Vieira fala por si e “é a expressão mais clara do seu pensamento”. Além disso, todo o seu legado “está disponível para ser lido de uma forma crítica e há, certamente, pontos do seu pensamento que não são lineares”. “Vieira é uma figura complexa”, diz o padre jesuíta que recorda que o missionário foi expulso do Brasil precisamente por se opor “ao abuso de que eram vítima os índios”. “Há afirmações claras no que diz respeito à igual dignidade de todas as pessoas na sua obra”, lembra José Maria de Brito, citando como referência as frases do padre António Vieira: “Dominarem os brancos aos pretos é força, e não razão, ou natureza” ou “cada um é da cor do seu coração”.

“Quando alguém que teve um papel significativo no desenvolvimento do pensamento da igualdade é transformado num racista ou num extremista estamos a contribuir para desvalorizar e relativizar o racismo”, conclui José Maria de Brito.

ROSA PEDROSO LIMA  
rlima@expresso.impresa.pt

Área: 1785cm<sup>2</sup> / 45%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6668327